



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA - RIO DE JANEIRO
PROCURADORIA REGIONAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO DA PR/RJ

Assunto: Instauração de notícia de fato

DESPACHO nº 11708/2023

CONSIDERANDO a necessidade de moderação de conteúdo disponibilizado na rede mundial de computadores;

CONSIDERANDO que em diversas oportunidades, canais oferecidos e mantidos pelo *Google* comunicam discurso de ódio e a prática de crimes cometidos por agentes do Estado;

CONSIDERANDO que em diversos canais do *You Tube*, há policiais exaltando uma cultura de violência e ódio através da rede mundial de computadores, ensejando a incitação de crimes, violação da presunção da inocência e violação do devido processo legal;

CONSIDERANDO, em especial, que o Ministério Público Federal teve conhecimento de matéria veiculada em reportagem jornalística por meio do *link* "<https://ponte.org/policiais-confessam-crimes-impunemente-em-podcasts-e-videocasts/>", cujo conteúdo encontra-se ora anexado;



PROCURADORIA DA
REPÚBLICA - RIO DE
JANEIRO

Av. Nilo Peçanha, Nº 23 A 31, Centro - CEP 20020100 - Rio
De Janeiro-RJ

Telefone: (21)39719553

Email: Prrj-sac@mpf.mp.br

CONSIDERANDO, ainda, que a concessão de canais de radiodifusão é de competência da União, nos termos do artigo 21, XII, 'a', da CRFB/88, o MPF resolve:

1) Instaurar Notícia de Fato Cível de ofício para apuração dos fatos em comento, a ser distribuída ao PR-RJ-Ofício PRDC Ajunto 1 (54º Ofício), com fulcro na divisão temática estabelecida nos moldes do artigo 40, § 3º, da Portaria PR/RJ nº 578/2014, com a redação dada pela Portaria PR/RJ nº 1.494/2016.

2) Autuado o procedimento nos termos do item 1, de início, expeça-se ofício à empresa *Google LLC* para que apresente as estatísticas completas dos vídeos a seguir, veiculados em canais da plataforma *You Tube* e mencionados na aludida matéria jornalística:

- FIQUEI SEM CONTROLE NO BOPE | SGT BRITTO - CATIANO & CAVEIRA BOPE RJ | CopCast: <https://www.youtube.com/watch?v=6oiFQAWK96w>;


- "SGT BRITTO - CATIANO & CAVEIRA BOPE RJ | EPISÓDIO 47 | CopCast: https://www.youtube.com/watch?v=gOfp32d_XHI";

- "CACHORRO LOUCO E BRITTO RELEMBRAM HISTORIAS ENGRAÇADAS DA PMERJ | EPISÓDIO 48 | CopCast: https://www.youtube.com/watch?v=YnsXKp_9ldM"

- "SARGENTO WAGNER CACHORRO LOUCO - Fala Glauber Podcast #175: <https://www.youtube.com/watch?v=bgh5VjSsgL0>"

- "O BOPE SOBE ASSIM PRA PEGAR VAG4BUND0 DE BOBEIRA - POLICIAL MIQUÉIAS ARCENIO: <https://www.youtube.com/watch?v=zJ5yuZJZeXw>"

- "POLICIAL DO RJ SOFRE ASSALTO NO ÔNIBUS E...: <https://www.youtube.com/watch?v=iV1sX691sbc&t=160s>".

	<p>PROCURADORIA DA REPÚBLICA - RIO DE JANEIRO</p>	<p>Av. Nilo Peçanha, Nº 23 A 31, Centro - CEP 20020100 - Rio De Janeiro-RJ Telefone: (21)39719553 Email: Prrj-sac@mpf.mp.br</p>
---	---	---


3) Após, encaminhe-se o procedimento em comento ao Setor Pericial para que realize, com urgência, acesso ao conteúdo dos retromencionados *links* da plataforma *YouTube*, realizando-se a coleta da prova, com a extração do cálculo *hash*, bem como descrição de seu conteúdo.

Rio de Janeiro, 17 de abril de 2023.

JULIO JOSÉ ARAUJO JUNIOR

Procurador da República
Procurador Regional dos Direitos do Cidadão Adjunto

Assinado com login e senha por JULIO JOSE ARAUJO JUNIOR, em 18/04/2023 17:38. Para verificar a autenticidade acesse <http://www.transparencia.mpf.mp.br/validacaodocumento>. Chave 940f2dfe.79d0715b.11d61d84.9b5ca204

	PROCURADORIA DA REPÚBLICA - RIO DE JANEIRO	Av. Nilo Peçanha, Nº 23 A 31, Centro - CEP 20020100 - Rio De Janeiro-RJ Telefone: (21)39719553 Email: Prrj-sac@mpf.mp.br
---	--	--



[Matéria](#) » [Reportagem](#)

Policiais confessam crimes impunemente em podcasts e videocasts



15/04/2023 1h04

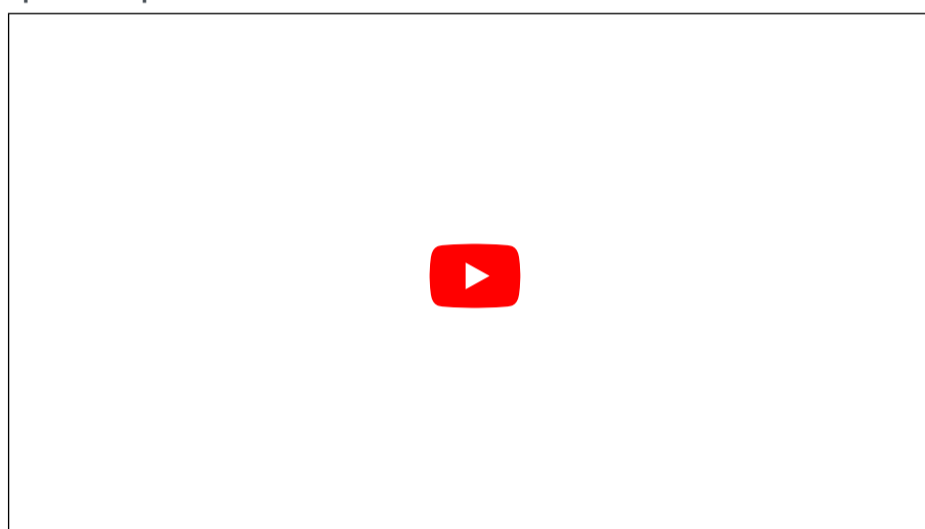
Fábio Canatta, especial para a Ponte

Compartilhe este conteúdo



[Início](#) » [violência de estado](#)

De vontade de “matar vagabundo” à apologia da violência e agressões contra mulheres e crianças, discurso agressivo não sofre regulação e é aplaudido por internautas



O sargento Henrique Brito, do Batalhão de Operações Especiais (Bope) do Rio de Janeiro, é um homem branco, alto, de uns 30 e poucos anos e bastante forte. Bastante mesmo. Os músculos dos bíceps e do peitoral poderiam sugerir se tratar de um halterofilista. Parecem estar sempre ameaçando os limites do uniforme. A descrição do físico do militar ganha sentido quando ouvimos a história que ele conta, bastante empolgado, em um [videocast sobre a rotina das forças policiais](#).

O episódio, segundo Brito, aconteceu no conjunto de favelas do Pavão-Pavãozinho, zona sul do Rio de Janeiro. Nas próprias palavras, ele teria perdido o controle ao ser provocado por um menino de mais ou menos doze anos durante uma abordagem. O garoto teria dito a ele: “te pego na porrada”. Ele conta que a reação foi imediata: “meu irmão, eu pirava rápido... o moleque nem sabe de onde veio (neste momento, ele bate uma mão na outra para mostrar como teria feito a agressão). O moleque voou e apagou. Peguei e dei uma porrada no moleque, que já cambalhotou e caiu nas caixas de cerveja que ficam empilhadas”.

A agressão teria gerado a reação de outras pessoas que estavam no bar. Daí ele admite: “descontrolei... agressividade descontrolada”. E, assim, ele foi batendo em todos que apareciam pela frente: homem, mulher e até uma pessoa grávida. “A grávida voltou, eu peguei, enrolei pelo cabelo e ‘pá!’ (bate com uma mão na outra, como se mostrasse um tapa na cara), tomou! Voou longe (risos no estúdio)!”. Como resultado do espancamento coletivo, admite ter sido obrigado a pagar algumas cestas básicas para as vítimas. “Acontece. Já aconteceu diversas vezes essa porra (risos)”, comenta. Outra pessoa que está no estúdio, mas que não aparece no vídeo, completa: “É aquele famoso ‘se der, dá pouca coisa’”. Todos concordam e riem.

As forças policiais matam em média 16 pessoas por dia no Brasil, mais de 6 mil por ano, [segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública](#) (FBSP). A maioria desses assassinatos acontece nas periferias das regiões metropolitanas em circunstâncias distantes das lentes da imprensa e do conhecimento da maioria do público. Porém, cada vez mais policiais têm falado sobre as suas rotinas em podcasts e videocasts no YouTube. As histórias, de uma forma geral, naturalizam a violência, banalizam a morte e desumanizam as vítimas.

Alguns desses vídeos chegam a ter mais de 7 milhões de visualizações apenas no YouTube. O conteúdo também é distribuído em plataformas de áudio. O formato é comum na maioria deles: um apresentador, que pode ou não ser um policial, entrevista outros policiais ou ex-policiais, num clima amistoso, de apoio, compreensão e solidariedade. O ambiente favorável, aliás, talvez ajude a explicar algumas falas que relatam atitudes condenáveis eticamente e até criminosas. Não raro, eles deboçam, riem das vítimas e até comemoram assassinatos.

É justamente o que acontece em uma [entrevista com o fuzileiro naval e também sargento do Bope Wagner Luís de Almeida](#), conhecido como Cachorro Loco. Segundo ele, o apelido foi dado quando, desrespeitando a orientação de um colega que não o conhecia – “ninguém



Deixe seu comentário



entra aqui sem blindado”, teria dito o oficial –, subiu o morro do Cruzeiro, também no Rio de Janeiro, à pé, sem blindado, trocando tiros com os criminosos civis.



Apesar de proibição, PMs de SP seguem atuando como influencers digitais

Há seis meses, comando-geral determinou que policiais militares não podem publicar conteúdo que remeta à corporação nem o monetize; Ponte localizou perfis em redes sociais que descumprem norma



“Nesse dia, matei. Quer dizer, falei errado (corrige ele, sorrindo ironicamente, olhando diretamente para a câmera): baleei três indivíduos armados com fuzis.... quanto mais tiro eu dava, era que nem cachorro, quando joga um osso, que ele fica abanando o rabo... quanto mais tiro eu dava, mais eu ficava: mais! Mais! Mais! (diz ele, ao parecer imitar um cachorro) Parecia o Dick Vigarista. Tacava bala! Tá ficando legal, meu irmão!”. O Dick é um personagem de desenho animado conhecido por ser trapaceiro e que ocupa o papel de vilão das histórias.

A fama de “cachorro loco” é reforçada por outra história contada por Wagner. Dessa vez, foi no início da carreira: “joguei três ou quatro (criminosos) para o alto. Pô, ocorrência maneira para caralho! Ai voltei para o meu setor (na polícia). Terminei a noite toda de serviço”. “Felizão, né?”, pergunta o apresentador do programa, também empolgado com o desfecho. “Pô, (era) tudo que eu queria!”, finaliza eufórico.

Em entrevista à **Ponte**, Wagner negou ter comemorado mortes e fez questão de lembrar que a operação que lhe rendeu o apelido foi motivada por um ataque de criminosos que encurralou um grupo de policiais, resultando na morte do colega de farda cabo Hélio Bezerra de Lima. “Eu falei que quanto mais tiro eu tomava dos traficantes, maior era a minha vontade de resgatar o policial que estava no chão morto”, garante. Sobre a comparação com um cão feita por ele mesmo no podcast, diz que a relação está no fato de ter obedecido uma ordem recebida do comandante ao subir a favela à pé naquele dia. “Eu, Wagner, me comparei com um cão que cumpria a missão com o sacrifício da minha vida. [...] Cumpri a missão com êxito”, avalia.

A entrevista do sargento Wagner ao podcast tem mais de sete horas de duração. Ela é uma das produções do Fala Glauber, um dos mais populares do gênero no YouTube. O apresentador e idealizador é o policial penal Glauber Mendonça. Segundo o texto de apresentação do canal, o objetivo é tratar do “universo concursado policial” e de assuntos que envolvam a polícia de uma forma geral. Glauber não respondeu aos pedidos de entrevista feitos pela **Ponte**.

As entrevistas do canal são transmitidas ao vivo duas vezes por semana em média. Os cortes, como são chamados os vídeos produzidos a partir de trechos dos programas, são publicados diariamente. Em dois anos de atividade, já são mais de 573 milhões de visualizações. O vídeo mais popular acumula 7,8 milhões de acessos. Trata-se de uma conversa com o policial que diz ter pego Lázaro Barbosa – um criminoso que, depois de ter matado quatro pessoas da mesma família no Distrito Federal em 2021, mobilizou, por dias, um grande contingente policial na sua busca. O texto de destaque no vídeo chama a atenção para uma das falas do convidado: “demos 135 tiros nele e...”. O canal acumula 36 produções com mais de um milhão de visualizações. Em comum, a ênfase num mesmo aspecto das histórias: a violência.



Três anos depois, AlfaCon segue impune por ensinar tortura a futuros policiais

Desde primeiras reportagens da Ponte, em 2019, práticas da escola foram analisadas por Corregedoria da PM de SP, MPF e dois Ministérios Públicos Estaduais, sem resultados; nesta semana, MP do PR abriu segundo inquérito contra escola.



Deixe seu comentário



Policiais confessam crimes impunemente em podcasts e videocasts - Ponte Jornalismo

Tudo é narrado e comentado com muita naturalidade. Até mesmo aqueles casos nos quais, claramente, os policiais, a partir dos relatos feitos pelos entrevistados, cometeram crimes. É o caso da história [contada pelo policial licenciado Miquéias Arcênio](#). O militar carioca relata a existência de operações ilegais e extraoficiais do Bope. “O Bope quando entra... ele faz o diabo mesmo. Ele entra e mata os outros na faca mesmo.” Segundo Arcênio, “quando eles querem fazer uma covardia, eles tiram o uniforme deles e põem o nosso, o convencional (da PM)”. Ele conta que uma dessas chacinas teria resultado em sete mortos. Porém, quando os policiais do batalhão foram questionados sobre o acontecido na sua região, a resposta foi: “não, o Bope nem saiu do quartel hoje (risos)”. Miqueias Arcênio foi assessor do vereador cassado e ex-policial militar Gabriel Monteiro, preso desde novembro de 2022 por estupro, além de ter sido candidato a vereador por São Gonçalo-RJ pelo Partido Trabalhista Cristão (PTC) em 2020.

O desejo de matar aparece em outros programas também. Ao comentar sobre o início da carreira na polícia, Sargento Costa lembra do dia que sofreu com os graves efeitos colaterais de uma anestesia. O medicamento havia sido usado durante o procedimento de retirada de uma tatuagem em um dos braços. Ao perder parcialmente o controle do corpo, naquele momento, “pensei: meu Deus, eu vou morrer! Morrer antes de matar vagabundo! Porque o meu sonho era matar vagabundo”, confessa.

Já o [relato feito pelo policial civil Thiago Raça](#) chama a atenção por compartilhar com a audiência do programa uma decisão nada abonadora: executar ou não um menor de idade que agonizava no chão depois de ter tomado cinco tiros.

Ao presenciar um assalto dentro do ônibus que viajava no Rio de Janeiro, Raça reagiu e matou um dos dois menores infratores com sete tiros. “Caiu fedendo”, ironizou. O outro, que ameaçava os passageiros com uma arma de pressão quebrada, “remendada com fita isolante”, foi alvo de 5 disparos.

Caído, desarmado, com ferimentos que impediam qualquer reação, ao ver o policial se aproximando, implorou para não ser morto: “até pensei em matar ele ali, né”, admitiu o policial. “Falei, porra... mas daí o passageiro pediu pra não matar... ‘pô, não mata ele aí não que vai voar miolo em cima de mim’ (risos)”. Thiago atendeu ao apelo do passageiro e, por uma questão de higiene, não executou o adolescente baleado e esse sobreviveu.



Bancada da Bala troca policiais ‘sindicalistas’ por influencers na Câmara

Número de policiais eleitos para deputado federal saltou de 25, em 2018, para 37 nas eleições de 2022; para especialista, nomes mostram perfil midiático, pró-armas e bolsonarista, com abandono de pautas da carreira policial.

 Ponte Jornalismo

0

“É uma espécie de raiz quadrada da barbárie”, define o antropólogo e ex-subsecretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro Luiz Eduardo Soares sobre as histórias contadas nos programas. Ele admite que os crimes cometidos pela polícia já são conhecidos. Porém, nos podcasts e videocasts, transformados em narrativas, os fatos são reeditados e amplificam os seus aspectos mais brutais.

O resultado é um processo de revitimização e a expansão da violência para um público imensamente maior. “Se de um lado é aterrador, por outro lado é também um sintoma. Talvez seja benéfico que a gente possa vislumbrar isso tudo e, com isso, refletir sobre o prazer que isso está suscitando, o apoio que isso está conquistando e a sua própria realidade. Não se trata, portanto, de sugerir a censura, mas de exigir o bloqueio a esse tipo de prática, a esse tipo de formação de subjetividade.”

O apoio mencionado por Soares é quase unânime nos comentários dos vídeos. Os policiais que contam as suas histórias de violência, crime e morte são tratados como heróis, guerreiros e defensores do “cidadão de bem”. A audiência se mostra, inclusive, preocupada com possíveis repercussões negativas das entrevistas para os militares. Eventualmente, sugerem que determinado conteúdo seja retirado do ar ou que o título do vídeo seja alterado para não prejudicar ninguém que tenha envolvimento com os fatos relatados. A ideia de que “bandido bom é bandido morto” parece ser quase uma unanimidade nesse tipo de ambiente.

O Sargento Castro, da Polícia Militar de São Paulo, conhecido como “policial raiz”, é um personagem bastante presente em diferentes programas do gênero. Parece ser um dos mais festejados pela audiência pela natureza das histórias que conta. Um dos episódios, no qual conta como ele e os colegas agiam para “manter a ordem” no seu turno de trabalho, é bastante emblemático.



Deixe seu comentário





Delegado youtuber é demitido da Polícia Civil de SP por vídeo racista

Paulo Bilynskyj acumulava série de processos administrativos durante os 10 anos que esteve na corporação. Ele acusou namorada de publicar vídeo com conteúdo racista em 2020 em seu canal; ela se suicidou após baleiar policial.

 Ponte Jornalismo

0

“Quebrava todo mundo a pau, mano. A gente assumia a viatura cada um com um pedaço de pau. Descia da viatura, era couro. Couro! Então, quando ‘os cara’ falava: ‘Putá, a polícia chegou, véi’. Já sabia: ‘ou a gente fica piano ou vai apanhar’. Porque apanha... da vítima à testemunha, e indiciado. Apanhava todo mundo. ‘Entendeu?’ E botava ordem na casa, véi. A gente chegava e botava ordem na casa. E outra: se uma viatura não desse conta, ‘vinha’ duas... ‘vinha’ três... e cada vez que chegava uma viatura, já sabia que o pau ia aumentar. O couro ia comer. O povo, cara, ele gosta da polícia assim. E a polícia é a última instância, cara. Não tem outra instância. Vai chamar quem? O Batman?”. Nos comentários, o tom predominante é de vibração e elogio.

O “bom humor” do Sargento Castro também é comemorado pelo público. Ao podcast Danilo Snider, [ele conta, às gargalhadas](#), como organizou a escala do policiamento das torcidas durante um clássico entre Palmeiras e Corinthians. Depois de reunir a tropa, perguntou: “quem é corinthiano? Portão do Palmeiras. O resto – eu sou santista – tudo comigo, para o portão do Corinthians. Você acha que ‘os bonito’ bateu pouco? (gargalhadas) Eu quero é ver o chicote estalar”. A violência não para por aí. “Levava uma sacola de bomba, né meu. Olhava, via dois três num lugar: ‘é tumulto!’ (ahhhh, pah! Grita, ao imitar o som das bombas, em meio às risadas do apresentador). Ah, explodia tudo! Meu negócio era tacar bomba!”

O podcast/videocast Danilo Snider leva o nome artístico de Danilo Martins, 34 anos, apresentador e idealizador do programa. Embora na foto de capa do canal apareça com uma camiseta camuflada, tipo militar, e um armamento longo em mãos, ele não tem origem na polícia. Antes da internet, trabalhou com contabilidade, montou uma hamburgueria nos fundos de casa e, com o dinheiro da venda de um carro, abriu uma balada em Itaquera, na zona leste de capital paulista, que foi fechada no período mais agudo da pandemia. Nesse momento, “para sobreviver”, passou a atuar como DJ em festas clandestinas. “Ou era isso, ou passava fome.”

Em 2021, depois de assistir muitos vídeos no YouTube, resolveu, mais uma vez, empreender. Com o dinheiro emprestado de um amigo, além de pagar a conta de luz que seria cortada, compra dois microfones para lançar um podcast. Primeiro, tentou entrevistar MCs do funk. Não emplacou. Como assistia muitos vídeos de perseguição policial, resolveu arriscar com os policiais que já tinham presença nas redes, os influencers. “Deu muito certo”, comemora. O canal hoje emprega uma equipe de dez pessoas e soma mais de 1,5 milhão de inscritos. São pelo menos dois vídeos publicados todos os dias, além das transmissões ao vivo, que chegam a durar mais de quatro horas.



PM que agrediu motoboy em SP paga de influencer nas redes sociais

Soldado Felipe da Silva Joaquim publica ações policiais no Instagram, onde compartilha seus “parceiros comerciais”; canal no YouTube com perseguições da Rocam ligado a ele tirou os vídeos do ar.

 Ponte Jornalismo

1

Embora os episódios recentes do podcast sejam recheados de histórias de violência, Snider diz que o objetivo é para ser “um podcast mais suave... dar risada e falar sobre a vida da pessoa (convidado)”. Quando pergunto sobre a sua responsabilidade em divulgar, dar espaço e visibilidade para tais discursos, ele se defende: “Não sou responsável pelas palavras deles. Sou responsável pelas minhas palavras. O objetivo do podcast não é disseminar a violência, mas sim mostrar a realidade do trabalho policial”.

Numa das [entrevistas mais recentes](#) feitas por Snider, ele ouviu do capitão Silva Rosa uma história nada suave e nem um pouco digna de risadas. O militar contou sobre o seu primeiro dia na Força Tática da Polícia Militar de São Paulo. Rosa teria ouvido de um policial, que

◀ Deixe seu comentário

x

Policiais confessam crimes impunemente em podcasts e videocasts - Ponte Jornalismo

ostentava oitenta autos de resistência no currículo – como eram registradas as mortes cometidas por policiais nos ditos confrontos desde a época da ditadura civil-militar –, logo que ingressou no novo grupo: “Seja bem-vindo. O senhor veio fazer o que, cumprir escala ou fazer tático? Eu disse: ‘não, veja bem...’ Veja bem, não! (interrompeu o comandante) O tático é para matar. O senhor veio matar ou cumprir escala? Não, eu quero! Eu vim aqui para matar!”.

Diante da resposta, o praça completa: “O senhor tem então quinze dias para matar um ladrão. Se não, o senhor cumpre escala”. Na doutrina militar, ordem dada é ordem cumprida. No décimo quinto dia de trabalho, Rosa “trombou” com um “ladrão” – nas palavras dele –, que levou a pior. “Saco”, é a expressão que ele usa para confirmar que o homem foi morto. Agora faltava ainda matar outros “79 ladrões” para alcançar o chefe, “brincam”, entre muitas risadas, o apresentador e participante do programa.

O capitão Silva Rosa é investigado por violência doméstica contra a ex-namorada. Ela denunciou ter sido agredida com um mata-leão e ameaçada de ter o pescoço quebrado, conforme [revelou a Ponte](#) em 2022. O Tribunal de Justiça acatou o pedido de medida protetiva feito pela vítima na época e o inquérito está, desde fevereiro, sob análise da Procuradoria-Geral de Justiça (PGJ), já que o tribunal discordou da avaliação do Ministério Público em arquivar a investigação por entender que existem provas de violência de gênero, como o exame de corpo de delito que identificou as lesões. O caso corre sob sigilo.

O capitão também já respondeu a cinco inquéritos por morte decorrente de intervenção policial, todos arquivados. No Tribunal de Justiça Militar, existem contra ele investigações sobre suspeita de extorsão e prevaricação em andamento. Ele já foi absolvido de uma acusação de lesão corporal e outra de [crítica indevida em redes sociais](#).



Namorada denuncia que PM influencer tentou estrangulá-la e ameaçou quebrar seu pescoço

Segundo boletim de ocorrência, mulher de 29 anos afirma que foi agredida por capitão André da Silva Rosa, em 29 de janeiro, após tentar ver seu celular; policial diz que também foi agredido

 Ponte Jornalismo

Mais recentemente, a Corregedoria da PM de São Paulo [abriu uma investigação disciplinar](#) contra o capitão após a repercussão de trecho de uma entrevista que deu a um podcast em que descreveu uma abordagem violenta a uma mulher grávida que lhe devia dinheiro. “Aí cheguei, bati na porta dela. ‘Quem é?’ Abre aí que é a polícia. ‘Quê?’ Abre aí que é a polícia, senão vou derrubar. Mano, se você não me pagar eu vou começar a chutar a sua barriga, eu vou pular em cima de você, eu vou arrancar a sua orelha na mordida”, descreve o capitão, aos risos do apresentador do podcast.

Antônio Eduardo Ramirez Santoro, professor da Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FND/UFRJ), ressalta que o policial tem o direito de, em algumas circunstâncias, agir de forma violenta, desde que a ação seja moderada e proporcional à ação do criminoso. “Qualquer violência policial que não seja precedida de uma agressão ou de uma suposição de iminente de agressão é violência policial criminosa.”

Sobre os discursos violentos presentes nos vídeos, ele acredita que, em alguns casos, há apologia ao crime e ao criminoso, crimes contra a paz pública previstos nos artigos 286 e 287 do Código Penal. Porém, para ele, só a criminalização dos policiais não vai resolver. “Enquanto ainda tiver gente achando interessante, engraçado e legítimo relatos como esses, isso vai continuar acontecendo.”

[Ajude a Ponte!](#)

Marcos Rolim, sociólogo e especialista em segurança pública, acredita que, para mudar essa cultura que dá suporte à ação violenta e criminosa da polícia, as pessoas precisam se dar conta que “quanto mais violenta for a polícia mais corrupta ela será. A ideia de que há uma violência policial sem corrupção é uma ingenuidade, coisa de criança. Porque se eu tenho violência policial é uma demonstração que eu tenho ausência de profissionalismo, ausência de consciência e de falta de controle absoluto. Como que um policial vai para a internet e assume publicamente a prática de crimes sem problema? Porque ele percebe, pela sua experiência anterior, que ele não vai responder a inquérito. E, se responder, não vai ser punido. E, se for punido, não será uma coisa grave”. Em outras palavras, como foi dito em um dos programas e relatado nesta reportagem: “é aquele famoso: se der, dá pouca coisa”.

O que dizem os policiais e as polícias

A [Ponte](#) tentou contato com todos os policiais citados nesta reportagem. A assessoria do Sargento Castro informou apenas que ele não tem “interesse em participar”. Miquéias Arcênio prometeu responder às perguntas por e-mail, o que não aconteceu até a publicação deste texto. Os policiais Brito, Silva Rosa, Thiago Raça e Costa não responderam às mensagens enviadas através das suas contas nas redes sociais.

◀ Deixe seu comentário

x

Policiais confessam crimes impunemente em podcasts e videocasts - Ponte Jornalismo

O YouTube também não se manifestou sobre as possíveis violações às suas diretrizes, estímulo à violência e discurso de ódio presentes nos vídeos.

A Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (SSP-SP), da mesma forma, não enviou qualquer resposta sobre o que foi dito pelos seus policiais.

Por fim, a Secretaria de Polícia Militar do Rio de Janeiro informou que os vídeos mencionados na reportagem foram encaminhados para a Corregedoria Geral da Corporação para análise dos casos.

Colaborou Jeniffer Mendonça.

Já que Tamo junto até aqui...

Que tal entrar de vez para o time da Ponte? Você sabe que o nosso trabalho incomoda muita gente. Não por acaso, somos vítimas constantes de ataques, que já até colocaram o nosso site fora do ar. Justamente por isso nunca fez tanto sentido pedir ajuda para quem tá junto, pra quem defende a Ponte e a luta por justiça: você.

Com o **Tamo Junto**, você ajuda a manter a Ponte de pé com uma contribuição mensal ou anual. Também passa a participar ativamente do dia a dia do jornal, com acesso aos bastidores da nossa redação e matérias como a que você acabou de ler. Acesse: ponte.colabore.com/tamojunto.

Todo jornalismo tem um lado. Ajude quem está do seu.

[Ajude](#)

Deixe um comentário

Inscrever-se

Login

Por favor, faça login para comentar

0 COMENTÁRIOS

mais lidas



[Capitão mata sargento dentro de quartel da PM em SP](#)



[PMs denunciam assédio em quartel onde capitão matou sargento em SP](#)

[Policiais confessam crimes impunemente em podcasts e videocasts](#)



Deixe seu comentário





ponte **newsletter**

[assine](#)

apoie a ponte

[tamojunto](#)

[paypal](#)

ponte **nas redes**



ponte **integra**



The Trust Project

© 2023 Ponte Jornalismo

Design por [dárkon vr](#)

Desenvolvido por [Estúdio Haste](#)



Deixe seu comentário

